

PROPRIEDADES SINTÁTICAS E PAPÉIS SEMÂNTICOS DO SUJEITO EM ORAÇÕES ESCRITAS ESTUDANTES/MORADORES ESTRELENSES

Pedro Antônio Gomes de Melo¹

RESUMO: *Este artigo apresenta uma descrição, em uma perspectiva funcionalista, das propriedades sintáticas e dos papéis semânticos da categoria sujeito evidenciados em sentenças escritas por moradores/estudantes estrelenses. Além de estudos bibliográficos, utilizou-se da pesquisa de campo. Foram utilizados os autores basilares Ignácio (2002), Castilho (2010), Neves (1997, 2002, 2011) e Costa (2014). Os resultados evidenciaram que, do ponto de vista sintático, o sujeito pode ser preenchido ou não, em posição anteposta ao verbo, sendo expresso por pronomes ou por sintagma nominal, e ainda de forma elidida. Já do ponto de vista semântico, a função de sujeito expressou os papéis temáticos de agente, beneficiário, experimentador, causativo, origem e objetivo como argumentos de verbos dinâmicos e não dinâmicos.*

PALAVRAS-CHAVE: *funcionalismo; sujeito; casos semânticos.*

ABSTRACT: *This article presents a description, in a functionalist perspective, of the syntactic properties and the semantic roles of the subject category evidenced in sentences written by dweller/students. In addition to bibliographical studies, field research was used. Basal authors Ignácio (2002), Castilho (2010), Neves (1997, 2002, 2011) and Costa (2014) were used. The results evidenced that, from the syntactic point of view, the subject can be filled or not, in position before the verb, being expressed by pronouns or by noun phrase, and also in an elided way. Already from the semantic point of view, the subject function expressed the thematic roles of agent, beneficiary, experimenter, causative, origin and objective as arguments of dynamic and non-dynamic verbs.*

KEYWORDS: *functionalism; subject; semantic cases.*

Recebido em 16-02-2017
Aceito em 09-04-2017

¹Docente da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

INTRODUÇÃO

O nome de lugar se constitui em duas frentes: a toponímia institucional, que é registrada em documentos do governo e reconhecida oficialmente pela Administração Pública, e a toponímia paralela, que se constitui no conjunto de topônimos não oficiais utilizados pelos moradores na designação de uma determinada localidade. A relação entre o uso dessas toponímias, a distinção de natureza oficial e popular e as questões discursivo-pragmáticas podem determinar as formas de discursivização desse uso e a maneira como os falantes fazem suas escolhas lexicais e estruturam suas sentenças no uso da língua.

Este artigo tem como finalidade estudar a sintaxe-semântica do português brasileiro sob o enfoque Funcionalista. Nesta linha, investigamos as propriedades sintáticas e os papéis temáticos do sujeito, evidenciados em construções escritas por estudantes/moradores do município de Estrela de Alagoas sobre o tema das variantes toponímicas na nomeação da referida unidade político-administrativa municipal alagoana.

Sendo assim, partimos da compreensão de que a estrutura da oração é construída a partir do verbo como elemento central, e o sujeito funciona como argumento principal constituinte (na nomenclatura de Tesnière: *Actante de primeiro grau* apud Ignácio, 2002), podendo representar diversos papéis semânticos.

Quanto aos métodos empregados, além de estudos bibliográficos, utilizamos para a geração de dados a pesquisa de campo por meio de entrevista semiestruturada e as análises se restringiram às características sintáticas do sujeito, e aos casos temáticos por ele expresso nas sentenças. Como fundamentação teórica, filiamo-nos ao Funcionalismo, que compreende a língua como um sistema funcional que atende aos objetivos

de comunicar e expressar. Foram utilizados os autores basilares Ignácio (2002), Castilho (2010), Neves (1997, 2002; 2011), entre outros.

Nosso *corpus* de análise constitui-se de orações elencadas a partir das respostas escritas a um questionário semiestruturado aplicados a vinte e seis informantes estudantes/moradores nativos do município de Estrela de Alagoas/AL que serviram de ponto de partida para nossas investigações.

O referido questionário foi composto por três perguntas abertas sobre a temática do uso do topônimo oficial *Estrela de Alagoas* e dos topônimos paralelos *Bola* e *Estrela* na designação da cidade alagoana, a saber: 1 – *Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade? Bola, Estrela ou Estrela de Alagoas, por quê?*; 2 – *Entre os nomes Bola, Estrela e Estrela de Alagoas, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião?* e 3 - *Qual sua opinião sobre as pessoas que usam uma forma diferente para nomear a sua cidade? Elas estão certas ou erradas? Por quê?*. Para este estudo, produzimos um mini *corpus* de catorze orações, selecionadas a partir das respostas escritas dessas três perguntas, pondo em foco *os sujeitos das orações* selecionadas.

Os entrevistados convidados a participar deste estudo estão distribuídos nas faixas etárias entre dezesseis e quarenta e sete anos, dos sexos masculino e feminino, com ensino médio completo ou em andamento, uma vez que pretendíamos trabalhar com textos escritos. A aplicação do questionário ocorreu no período compreendido de 8 a 16 de agosto de 2016.

Este artigo está dividido em duas seções: a primeira traz a fundamentação teórica que norteará este estudo, abordando, de forma concisa, conceitos do Funcionalismo, que foram utilizados para subsidiar a análise e interpretação de nossos dados; e a segunda seção, apresenta a análise e os resultados, pondo em foco as propriedades sintáticas e seus

papéis semânticos evidenciadas nestas produções escritas. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, como forma de situar epistemologicamente as análises e os resultados que serão apresentados, expomos e discutimos alguns conceitos-base para nossa reflexão que possibilitaram chegar às considerações finais a respeito da função do sujeito e algumas de suas propriedades sintáticas e papéis semânticos evidenciados no *corpus* examinado.

O texto da seção está organizado da seguinte maneira: em primeiro lugar, esboçamos sobre a categoria do sujeito de forma geral, ressaltando sua inserção nos estudos da Gramática Tradicional e no paradigma da Linguística Funcional e, na sequência, descrevemos como essa função linguística é tratada na perspectiva sintático-semântica da oração com base na estrutura argumental apresentada por Ignácio (2002) que norteou nossas análises sobre os papéis temáticos.

O sujeito e a gramática normativa tradicional

Em nossas escolas de ensino básico, as práticas pedagógicas de ensino de gramática, com raras exceções, têm seguido as concepções de língua/linguagem filiadas aos ditames do tradicionalismo normativo greco-latino ou do estruturalismo linguístico.

Embora a tradição gramatical greco-latino, desde muito tempo, tenha se dedicado ao estudo da língua e linguagem, não se levou em conta a exterioridade. Seu princípio de análise é metalinguístico, de cunho

prescritivo. Isso se deve à concepção de linguagem como processo mecânico da comunicação, ou seja, a linguagem como a expressão do pensamento. Por conseguinte, baseia-se em regras, nomenclaturas e em análises escritas, marcadas pela prática pedagógica do “certo” ou “errado”, estabelecendo normas de comportamento linguístico.

Nessa direção, a função do sujeito na perspectiva da Gramática Tradicional (doravante GT) tende a reduzir sua identificação e abrangência na organização oracional bipartida entre os chamados termos essenciais: *sujeito* e *predicado*, procurando, através da prescrição, apresentar de modo simplificado como a língua se organiza, restringindo-a a uma lista de regras, e tendo como exceção tudo o que não se enquadra ao que está prescrito. Prevalece em sua abordagem a concepção da linguagem como a expressão do pensamento e conceito do “certo” e do “errado”.

Nessa perspectiva, o sujeito é visto como um termo essencial da oração, mesmo podendo ser categorizado, pela tradição da GT, como sujeito inexistente ou oração destituída de sujeito (denominada de oração sem sujeito). A estrutura básica da oração é compreendida como a frase (ou grupo de frase) que se biparte normalmente nos termos ditos essenciais: *sujeito* e *predicado*.

Nessas gramáticas de orientação normativa e prescritiva, geralmente consignadas pela Nomenclatura Gramática Brasileira (NGB), o sujeito é definido como o ser de quem se diz algo, isto é, sobre o qual se faz uma declaração. Está, ainda, associado quase sempre ao papel de agente, definido como o termo responsável pela ação expressa pelo verbo da voz ativa, papel de paciente ou agente e paciente quando ele sofre a ação ou quando o sujeito faz a ação expressa por um verbo reflexivo e ele mesmo sofre os efeitos dessa ação, respectivamente. (ROCHA LIMA, 2000; CUNHA; CINTRA, 2008; CEGALLA, 2009)

Além disso, a categoria do sujeito, mormente, é classificada: (i) quanto à formação, em simples e em composto; (ii) quanto a sua materialização expressa, em claro (ou expresso), oculto (ou elíptico, determinado), indeterminado e sujeito inexistente, podendo ser identificados pela posição que ocupa na oração; e ainda como (iii) o elemento que estabelece concordância com o verbo. (ROCHA LIMA, 2000; CUNHA; CINTRA, 2008; CEGALLA, 2009)

Em suma, diante do exposto destacamos que, na tradição gramatical normativa, a categoria do sujeito é, geralmente, definida pelo aspecto semântico como o termo do qual se diz/declara algo ou confundido pelo papel de agente ou paciente. Assim, nessa perspectiva, não se considera a distinção de suas propriedades sintáticas, semânticas e discursivas, causando uma confusão, em certos casos, para a descrição da função sujeito no uso da língua, uma vez que não há uma separação metodológica entre sintaxe, semântica e pragmática.

O sujeito e o funcionalismo

Em geral, o Funcionalismo compreende a língua intrínseca às suas funcionalidades, estudando-a baseado em seu uso real e reconhece o sujeito como uma função prototipicamente sintática, diferentemente da GT, com determinadas características semânticas e motivações pragmáticas. Sendo assim, trata-se de uma corrente linguística que se opõe ao Estruturalismo e ao Gerativismo, buscando estudar “a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (CUNHA, 2012, p.157)

Dito de outra maneira, a Gramática Funcional, com efeito, busca averiguar como se processa a comunicação em uma determinada língua em situação de uso, levando em consideração

a relação entre sistema e suas funções que permeiam o caráter dinâmico da língua. Assim, a análise linguística está relacionada ao contexto global do discurso e, é a partir dessa relação que se procura correlacionar forma e sentido. Não se admitem traços discretos, uma vez que, na perspectiva funcionalista da linguagem, as categoriais gramaticais podem desempenhar funções variadas dependendo da intenção comunicativa e do contexto discursivo-pragmático (COSTA, 2014, p.24).

No âmbito da Sintaxe Funcional, Rosário (2015, p.143) explica-nos que esses estudos procuram

observar, além de motivações estruturais, os aspectos cognitivos e comunicativos subjacentes aos fatos gramaticais. Dessa forma, os aspectos interacionais que se manifestam no uso concreto da língua e como eles se ritualizam em forma de construções gramaticais disponíveis para o falante ganham relevo nessa corrente de investigação.

Ao tratar do sujeito numa abordagem funcionalista multissistêmica, Castilho (2010) afirma que a função do sujeito tem despertado interesse em diferentes perspectivas no campo dos estudos da linguagem, do qual surgem obstáculos para uma compreensão unívoca dessa categoria linguística. Diferentemente, do que acontece na GT.

Nesse sentido, Castilho (2010, p.289) explica-nos que “tais dificuldades derivam da natureza tríplice de tudo aquilo que é reconhecido como sujeito: o sujeito sintático, o sujeito discursivo e o sujeito semântico”. A perspectiva multissistêmica da língua aborda com naturalidade a complexidade dessa categoria linguística.

O referido autor apresenta um roteiro de análise para o sujeito segundo os princípios da linguística funcional numa abordagem multissistêmica da

língua, destacando a natureza sintática, suas atribuições semânticas e sua funcionalidade discursiva.

Do ponto de vista sintático, o sujeito apresenta as seguintes propriedades: (i) expresso por um sintagma nominal, (ii) anteposto ao verbo, (iii) determina a concordância do verbo, (iv) é pronominalizável por ele, (v) e pode ser elítico. (Ibidem)

Partindo desses pressupostos, o sujeito pode ser preenchido ou não. No primeiro caso, pode ser preenchido por diferentes classes gramaticais ou uma categoria vazia (anáfora-zero). Já no segundo caso é elidido. O modo de preenchimento do sujeito tem determinação pragmático-discursiva, mas há certa determinação sistêmica na relação que os verbos estabelecem com seus argumentos.

Na abordagem funcionalista, a função sujeito, sintaticamente, “será o elemento responsável pelo ato de fala no discurso, e o seu preenchimento estará condicionado, mais precisamente, à intenção comunicativa e à escolha lexical do falante” (COSTA, 2014, p. 56). É importante destacar que essa escolha dependerá da intenção do falante com relação ao modo como ele antecipa a interpretação pragmática da mensagem, e a informação pragmática de seu interlocutor.

Do ponto de vista discursivo, o sujeito pode ser definido como aquele ou aquilo do qual se declara alguma coisa. Tornando-se o ponto de partida da predicação, é seu tema. Nessa perspectiva, “considera a sentença como o lugar da informação” (CASTILHO, 2010, p. 295).

Do ponto de vista semântico, de forma geral, a função sujeito está relacionada a um dos argumentos (*Actantes* para Tesnière apud Ignácio 2002) do predicado, exerce um papel semântico ou papel de participação, que diz respeito à representação das experiências humanas na estrutura da língua.

Seguindo esse viés, nas palavras de Neves (1997), para estudarmos a função sujeito numa perspectiva funcional, devemos levar em conta que há uma integração dos níveis da sintaxe e da semântica, dentro de uma teoria pragmática, que envolve a intervenção: (i) dos papéis envolvidos nos estados-de-coisas designados pelas predicções (funções semânticas); (ii) da perspectiva selecionada para apresentação dos estados-de-coisas na expressão linguística (funções sintáticas) e (iii) do estatuto informacional dos constituintes dentro do contexto comunicativo em que eles ocorrem (funções pragmáticas).

Papéis semânticos ou temáticos

Para este escrito, adotamos abordagem sintático-semântica da oração com base na estrutura argumental, essa compreendida com o “conjunto formado pelo Verbo e os elementos obrigatórios (Argumentos) por ele selecionados” (IGNÁCIO, 2002, p.109). Sendo assim, não compartilhamos da visão dicotômica da oração (SN + SV), na qual o sujeito e o predicado são tratados como constituintes de uma estrutura binária, mas nos filiamos à ideia de que a estrutura oracional é construída a partir do verbo como elemento central, isto é, ele é o centro estruturador da oração (Predicador).

Quanto à natureza dos verbos, eles geralmente constituem os predicados das orações, designando “as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com seus argumentos (os participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado” (NEVES, 2011, p. 25).

Do ponto de vista de uma classificação semântica, grosso modo, os verbos podem ser classificados em dois grupos. A saber, dinâmicos (ação, processo e ação-processo) e não dinâmico (estado). Todavia, é importante destacar que uma mesma forma verbal pode funcionar como verbo estativo

ou como verbo dinâmico, dependendo da relação que estabeleça com o sujeito.

Cada verbo exige um determinado número de elementos obrigatórios, com determinadas características sintático-semânticas, que preenchem as “casas vazias” da estrutura da oração, exercendo papéis temáticos. Segundo Ignácio (2002, p. 109), “essas ideias são defendidas principalmente por Tesnière (1953, 1969), Fillmore (1971), Chafe (1970), Ignácio (1984), entre outros”. Nessa perspectiva, o sujeito é o constituinte imediatamente solicitado pelo verbo.

Essa teoria, por um lado, “desconsidera a dicotomização da frase em dois elementos e equipara o sujeito aos complementos, e, de outro, substitui a consideração da frase como uma cadeia linear pela consideração de uma estrutura hierarquizada, com relações de dependência bem fixadas” (NEVES, 2002, p. 106).

De acordo com Ignácio (2002), na nomenclatura da Gramática de Casos, os argumentos exigidos pelo verbo são elementos com determinadas funções semânticas como agente, paciente, instrumental, experimentador etc., e são denominados de casos ou papéis semânticos ou papéis temáticos. É importante destacar que essas categorias não são vistas de maneiras discretas.

Neste artigo, buscamos evidenciar e descrever os principais papéis semânticos da função do sujeito em orações escritas por moradores estrelenses. Assim, seguimos a proposta de Ignácio (2002, p.111-112), que apresenta como principais casos semânticos:

a) Agente ou Agentivo – é o instigador da ação verbal. Caracteriza-se por + animado, + causador, + volitivo, + controlador; b) Paciente – é o que recebe a ação verbal ou sofre os resultados de um processo; c) Receptivo ou Destinatário – é aquele a quem se destina a ação verbal; d) Beneficiário –

o que se beneficia ou é afetado pela ação ou pelo processo; e) Experimentador – é o que experimenta um processo físico ou psíquico, o depositário de um sentimento ou experimentador de uma sensação. Caracteriza-se por ser + animado.

E mais, os casos semânticos: f) causativo – é o causador de uma ação ou de um processo. Caracteriza-se por ser não-animado mas potente para atuar sobre algo, é não-controlador e não-controlado; g) Instrumental – é o desencadeador de uma ação. Caracteriza-se por ser controlado e sempre pressupor um Agente; h) Objetivo – é o ponto de referência de um evento ou de um estado. Caracteriza-se por neutralidade (não é afetado); i) origem - é o ponto de origem de um processo e j) Locativo – representa o lugar onde se realiza o evento ou o lugar de referência de um estado de coisas.

Assim só faz sentido falar em sujeito quando pensamos em sua relação com o verbo, elemento central para a organização da oração que se estrutura a partir da valência verbal, e ainda levando em consideração que as funções sintáticas exercidas pelo sujeito não se confundem com seus papéis temáticos.

Finalizamos esta seção, ressaltando que esses conceitos-base aqui expostos oferecem o referencial teórico necessário para nossa análise das propriedades sintáticas e semânticas da função sujeito.

ANÁLISE E RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos a descrição e as análises de alguns casos semânticos identificados num recorte de 14 orações, selecionadas a partir das produções escritas nas respostas dos questionários que constituíram o *corpus* deste trabalho. Buscamos reconhecer a natureza sintática e suas atribuições semânticas.

Julgamos suficiente a apresentação de até três exemplos de ocorrências, quando possível, para ilustrar as reflexões aqui apresentadas de cada tipo caso semântico do sujeito, já que, entendemos, que se tornaria desaconselhável um número maior de exemplos por sobrecarregar o texto.

Casos de agente ou agentivo

Nas orações (01), (02) e (03) dos respectivos enunciados abaixo, evidenciamos que os moradores estrelenses usaram para constituir o sujeito de suas sentenças, do ponto de vista semântico, o caso agentivo com bastante recorrência. A nosso ver, parece ser mais natural que o sujeito seja o agente da ação, embora nem todos os verbos selecionem sujeitos agentes, por exemplo os verbos intransitivos. Para não sobrecarregar o texto, selecionamos apenas os três casos de sujeito agente seguintes.

TEXTO 01

3. Qual sua opinião sobre as pessoas que usam uma forma diferente para nomear a sua cidade? Elas estão certas ou erradas? Por quê?

Bom, elas ~~estão~~ chamaram de outro nome não as foram ~~erradas~~ erradas apenas gostam mais do outro nome

Oração (01)

Bom, *elas chamarem de outro nome* (...)

TEXTO 02

2. Entre os nomes **Bola**, **Estrela** e **Estrela de Alagoas**, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião?

Estrela porque todo mundo chama assim e a gente tem que acompanhar.

Oração (02)

(...) *todo mundo chama assim*

Nesses casos (01) e (02), as propriedades da função sujeito estão relacionadas aos papéis sintáticos desempenhados na estrutura oracional e foram expressas pela forma pronominal *elas* e pela expressão nominal *todo mundo*, respectivamente, colocadas em posição anteposta ao verbo. Nessas orações, temos verbos dinâmicos de ação acompanhados de um argumento agentivo na função sujeito, designando o papel semântico de agente. Nesse particular, observamos que há uma intencionalidade que, quando as orações são codificadas linguisticamente, assumem uma forma elaborada e compartilhada historicamente para aquela finalidade, uma vez que controla a ação verbal (chamar) e se caracteriza por ser + animado, + causador.

TEXTO 03

1. Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade? **Bola, Estrela ou Estrela de Alagoas?** Por quê?

Depende do contexto, pois utilizo as três formas Bola, Estrela Estrela de Alagoas para referir a cidade.

Oração (03)

(...) [0] utilizo as três formas (...)

Diferentemente dos casos (01) e (02), temos na oração (03) um sujeito representado por um zero sintático [0]. Do ponto de vista semântico, exprime o agente da atividade de um verbo dinâmico e ação-processo (utilizar) e se caracteriza por ser + animado, + causador, + controlador.

Casos de beneficiário

Após a análise dos textos (04) e com base em sua estrutura argumental, evidenciamos que os moradores estrelenses usaram para constituir o sujeito

em suas sentenças o caso semântico de beneficiário, no qual o sujeito expresso é o que se beneficia ou é afetado pela ação ou pelo processo.

TEXTO 04

1. Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade ? **Bola**, de **Estrela** ou **Estrela de Alagoas**. Por quê?

Estrela de Alagoas, por que eu já aprendi a história da cidade pequeno, e na época que eu era pequeno eu pensar já não usavam mais o termo "Bola".

Oração (04)

(...) *eu já aprendi a história da cidade pequeno,*

Nesse caso (04), temos o sujeito expresso pela forma pronominal *eu*, pronome sujeito por excelência, colocada em posição anteposta ao verbo. Do ponto de vista semântico, exprime o agente da atividade de um verbo dinâmico (aprender) e se caracteriza por ser + animado, + controlador.

Interessante perceber que, em sua construção, o locutor em quanto tal coloca sua voz no funcionamento do texto usando a primeira pessoa, constituindo-se na língua em sua subjetividade, marcada na oração pelo sujeito pronominal de primeira pessoa.

Nessa oração 04, o sujeito é o que é afetado pela ação verbal (de aprender), marcando no plano semântico o papel de beneficiário.

Casos de experimentador

Na oração (05) constitutiva do texto 05 e nas orações (06) e (07) do texto 06, evidenciamos que os moradores estrelenses usaram para constituir a função sujeito em suas sentenças o caso semântico de experimentador por

meio da forma expressa pronominal ou da forma elidida, sempre como depositários de um sentimento ou experimentadores de uma sensação.

TEXTO 05

3. Qual sua opinião sobre as pessoas que usam uma forma diferente para nomear a sua cidade? Elas estão certas ou erradas? Por quê?

Algumas pessoas estão erradas porque usam essa forma diferente as vezes com ironia e outras estão certas porque os mais velhos que hoje estão vivos eles se acostumaram a chama de 'bola'.

²Oração (05)

(...) *ele* acostumaram a chama de 'bola'.

Nesse caso (05), temos o sujeito expresso por uma forma pronominal *ele* em posição anteposta ao verbo. Apresenta o papel semântico de experimentador de um processo psíquico, ou seja, acostumar-se a nomear a referida cidade pelo topônimo popular.

TEXTO 06

1. Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade? **Bola**, de **Estrela** ou **Estrela de Alagoas**. Por quê?

Bola. Porque sempre conheci assim e também um nome carinhoso que usamos, e também pelo Tatu Bola e é nosso símbolo e particularmente gosto do nome "Bola".

Orações (06) e (07)

(...) *sempre* [0] conheci *assim* (...)

(...) *particularmente* [0] gosto do nome "Bola".

Já, nesses casos (06) e (07), temos o sujeito elidido na posição anteposta aos verbos dinâmicos de processo (conhecer e gostar)

² Neste estudo, não analisamos a escrita dos textos quanto à ortografia oficial da língua portuguesa, nem questões referentes à regência e à concordância conforme às regras estabelecidas pela GT, uma vez que o foco deste artigo é a função sintática do sujeito e seus papéis semânticos.

acompanhados dos modificadores *sempre* e *particularmente*. Também apresentam o papel semântico de experimentador de um processo psíquico (ter conhecimento e sentir prazer), sendo depositários de um sentimento ou uma sensação. Caracteriza-se por ser + animado.

Na abordagem funcionalista, essas ocorrências (05), (06) e (07) expressas por forma pronominal e zero sintático [0] possuem uma explicação regulada no contexto discursivo-pragmático, como a intencionalidade e a retomada do sujeito exigida pela situação comunicativa.

Casos de causativo

Nas orações (08), (09) e (10) dos respectivos enunciados abaixo, após a análise com base em sua estrutura argumental, evidenciamos que os moradores estrelenses usaram para constituir o sujeito, no plano semântico, em algumas sentenças o papel temático de causativo de um processo. Nelas, o causador do processo é [-animado], mas potente para agir sobre os o processo expresso pelos verbos não dinâmicos. Caracterizando-se por ser não-controlador e não-controlado.

TEXTO 07

2. Entre os nomes **Bolá**, **Estrela** e **Estrela de Alagoas**, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião?

*Estrela de Alagoas por que
se torna uma maneira mais adequada e mais
fácil de se usar para se dirigir a ela.*

Oração (08)

Estrela de alagoas, por que se torna uma maneira mais adequada (...)

TEXTO 08

2. Entre os nomes **Bola**, **Estrela** e **Estrela de Alagoas**, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião?

Estrela de Alagoas, por que foi o nome escolhido por o padre que auxiliou no crescimento da cidade, além do que, o próprio nome em si torna a cidade mais conhecida.

Oração (09)

(...) o próprio nome em si torna a cidade mais conhecida.

TEXTO 09

1. Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade? **Bola**, **Estrela** ou **Estrela de Alagoas**? Por quê?

Estrela. Porque é mais fácil para pronunciar, é o mais perto do nome completo.

Oração (10)

Estrela. Porque é mais fácil para pronunciar (...)

Nessas orações (08), (09) e (10), do ponto de vista sintático, a função sujeito se apresentou expresso por expressão nominal e anteposto ao verbo. A nosso ver, esse preenchimento é uma atribuição sintática, porém a sua ocorrência traduz um fator discursivo- pragmático. Do ponto de vista semântico, o sujeito se caracteriza por ser não-intencional, ou seja, os topônimos *Estrela* e *Estrela de Alagoas* e a expressão nominal *o próprio nome em si* com a função sujeito (suporte de estado) não tem a intencionalidade de tornar a cidade *mais adequada e mais conhecida ou mais fácil de pronunciar seu nome*, assim não teve, evidentemente, a intenção de provocar tal processo e, por isso mesmo, não teve controle se caracterizando como causativo.

Casos de origem

Na oração (11) presente no texto 10, evidenciamos um caso de sujeito que, no plano semântico, exerce um papel temático de ponto de origem de um processo. Caracterizando-se pela neutralidade, ou seja, não é afetado, portanto não sofre alterações físicas ou psicológicas.

TEXTO 10

3. Qual sua opinião sobre as pessoas que usam uma forma diferente para nomear a sua cidade? Elas estão certas ou erradas? Por quê?

*Normal cada um tem sua opinião
Temos que respeitar a todos*

Oração (11)

Normal **cada um** tem sua opinião.

Do ponto de vista sintático, o sujeito é constituído por uma expressão nominal *cada um* em posição anteposta ao verbo. Neste contexto de emprego expressa papel semântico que exprime a origem do evento (ter opinião).

Casos de objetivo

Na oração (12) presente no texto 11, na oração (13) do texto 12 e na oração 14 do texto 13 dos enunciados abaixo, após a análise com base em sua estrutura argumental, evidenciamos que os moradores estrelenses usaram para constituir o sujeito, no plano semântico, o papel temático de objetivo, no qual exprimem o ponto de referência de evento ou de um estado. Caracteriza-se pela neutralidade (não é afetado).

TEXTO 11

1. Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade? **Bola**, de **Estrela** ou **Estrela de Alagoas**. Por quê?

Estrela de Alagoas, por que eu já aprendi a história da cidade pequena, e na época que eu era pequeno as pessoas já não usavam mais o termo "Bola".

Oração (12)

(...) eu era pequeno (...)

TEXTO 12

3. Qual sua opinião sobre as pessoas que usam uma forma diferente para nomear a sua cidade? Elas estão certas ou erradas? Por quê?

*Elas estão certas, por que se acostu-
mam a chamar de Bola.*

Oração (13)

Elas estão certas.

TEXTO 13

3. Qual sua opinião sobre as pessoas que usam uma forma diferente para nomear a sua cidade? Elas estão certas ou erradas? Por quê?

Algumas pessoas estão erradas porque usam esse forma diferente as vezes com ironia e outras estão certas porque os mais velhos que hoje estão vivos eles se acostumaram a chamar de "bola".

Oração (14)

Algumas pessoas estão erradas (...) e outras estão certas (...)

Nesses casos (12), (13) e (14), do ponto de vista sintático, os sujeitos são constituídos por formas pronominais ou expressão nominais em posição anteposta ao verbo. A nosso ver, esse modo de preenchimento do sujeito tem determinação pragmático-discursiva, como também, há uma determinação sistêmica na relação que o verbo de estado (ser/estar) estabelece com seus argumentos. Em seu papel semântico, os sujeitos expressaram o ponto de referência de um evento ou de um estado. Caracterizando-se pela neutralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das construções linguísticas escritas por estudante/moradores estrelenses, evidenciamos que eles desenvolvem estratégias sintáticas e semânticas para constituir a função sujeito em suas orações.

Entendemos, que a descrição aqui apresentada é influenciada pelo contexto no qual as sentenças foram registradas. Assim a descrição sintática combina-se com circunstância discursiva e com os contextos específicos de uso. Logo, os domínios da sintaxe, semântica e pragmática estão relacionados e interdependentes.

Do ponto de vista sintático, levando em consideração a relevância da frequência para os estudos funcionalistas, observamos que há um padrão mais usado quanto à posição do sujeito na oração, apresentando a tendência da posição anteposta ao verbo: estrutura argumental preferida (sujeito + verbo). E ainda, pode ser preenchido ou não, sendo expresso por forma pronominal, por sintagma nominal e um zero sintático [0].

Do ponto de vista semântico, a função de sujeito se apresentou exercendo os papéis temáticos de agente, beneficiário, experimentador, causativo, origem e objetivo como argumentos de verbos dinâmicos e não dinâmicos. Dentre os casos semânticos evidenciados, os papéis de agente da ação, de experimentador como depositários de um sentimento e de causativo de um processo foram os mais recorrentes. A nosso ver, é no nível pragmático que se situa a necessidade de especificar esses papéis semânticos de sujeito na oração.

Por fim, destacamos que estudos sobre a categoria do sujeito no Português do Brasil e sua consideração como objeto de reflexão em diferentes perspectivas teóricas têm importância indiscutível na área de

Educação e Linguagem. Sendo assim, cremos que este artigo apresenta uma temática significativa para o campo da Linguística por avivar um tema pouco estudada em Alagoas e por aplicar a teoria funcionalista em um *corpus* autêntico ainda não estudado, assim se tornando relevante à medida que poderá fornecer, enquanto reflexão científica, uma contribuição para a especialidade em questão ou a áreas correlatas de estudo da linguagem.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48 ed. São Paulo : IBEP, 2009.

COSTA, Rodriana Dias Coelho. **Um mapeamento da função sujeito numa perspectiva tipológico-gramatical** (Dissertação De Mestrado) Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás. Goiás. 2014. 132 f.

CUNHA, Angélica Furtado. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.) **Manual de linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012. p.157-176.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

IGNÁCIO, S. E. **Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica**. Franca: Ribeirão, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Gramática de usos do português**. 2 ed. São Paulo : Editora UNESP, 2011.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 38 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

ROSÁRIO, Ivo. Sintaxe Funcional. In. OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo. **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015.